

Anno 1º

Rio de Janeiro

Nº 33

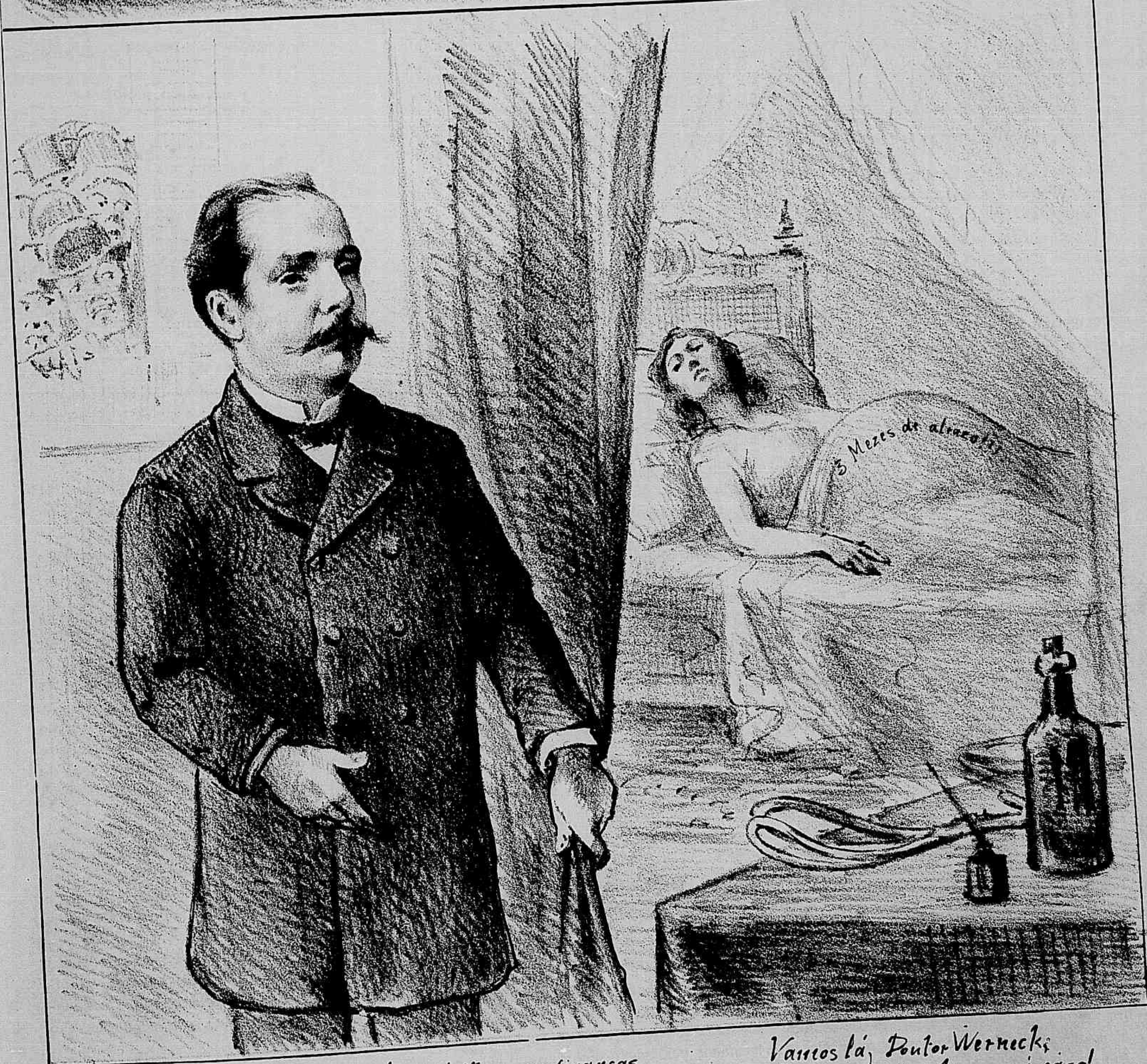
Don Quixote

de Angelo Agostini

JORNAL ILLUSTRADO

(frontespicio provisório)

R. OUVIDOR 109



Deve-se abrir inquerito
Sobre este caso intrincado!
Nunca parteiro emérito
Viú-se tão atrapalhado...

A prefeitura, em finanças
Vai mal-dinheiro não teme....
Ynda mais: 'sta' de esperanças
— E os funcionários também!
(Samaritas de um empregado municipal)

Vamos lá, Doutor Werneck;
Trez mezes de abraço.... é caso!
Deus me valha, o que eu não peço:
Mas piague-o ou vai tudo rasgo!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

| CAPITAL | | ESTADOS | |
|---------------|---------|---------------|---------|
| Anno..... | 20\$000 | Anno..... | 24\$000 |
| Semestre | 12\$000 | Semestre | 14\$000 |

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignar-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 21 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

A manobra obstrucionista da camara dos deputados já deu o resultado que era de esperar. Desde que o senado, por uma votação solemne, condemnou o projecto iniquo e barbaro do Sr. Ramiro Barcellos, representante do Castilhisimo impiedoso e adepto do glycerismo emperrado, era bem de prever que o parecer da commissão da camara, pelo órgão do Sr. Medeiros e Albuquerque, seria a condemnação do substitutivo em cuja approvação a alta corporação do senado deixou documentado, e inequivocamente, o seu encendrado patriotismo.

A demora na apresentação d'esse parecer, que pretende esmagar a amnistia ampla, sob pretextos capciosos, obedecia unicamente ao intuito de aguardar a decisão do senado, relativa á qualificação de delinquentes civis e criminosos militares, ferindo de morte a ideia generosa de amnistia incondicional e estabelecendo hierarchias para os revoltosos, réos de um e o mesmo delicto.

Assim desvendado o plano anti-patriotico dos que ainda guardam rancores e apenas festejam a paz *pro formula*, viu-se que, se não fôra a palavra vibrante e convincente de Ruy Barbosa deitar por terra o negregado projecto Ramiro, o parecer seria muito outro e o substitutivo do senado teria a approvação dos decurridos do Sr. General Glycerio.

Não foi assim. Em votação positiva o senado affirmou pela segunda vez o seu pensamento de conceder ampla amnistia a todos os revoltosos — e tanto foi preciso para que se lavrasse tal parecer, que exprime uma tal desorientação, tão revoltante e condemnavel, que não se coaduna com os apregoados sentimentos bondosos e a proverbial generosidade do meigo caracter e do temperamento doce do brasileiro.

E dizer que tal parecer emerge do seio da

camara que approvou sem hesitar todos, todos os actos da Legalidade, de rubra memoria, e mais os actos dos seus agentes — isto é. todos os horrores do Paraná, de Santa Catharina, de Pernambuco e de tantos outros sitios onde foram praticadas tantas barbaridades, tão monstruosos crimes!

Temos fé, porém, que a maioria da camara não irá lavar contra si propria a condemnação a que faria jus, se approvasse tal parecer, que contraria a aspiração de todo o povo, e que, vingando, seria a origem de desastrosas consequências para o paiz e até para a marcha do governo, empenhado como se acha em promover o real e duradouro congraçamento da familia brasileira.

Temos fé que a palavra de ordem do Sr. Glycerio será d'esta vez desobedecida — e assim o cremos, por honra da propria camara dos deputados, que não quererá arcar com a tremenda responsabilidade de haver opposto embaraços ao pensamento patriotico do governo do Sr. Prudente de Moraes.

No momento que é, quando o espirito publico se acha de novo sobresaltado pela recrudescencia da situação critica em que se achava a questão do Amapá; quando nos chegam noticias de nova violação do nosso territorio e do desembarque ultrajante de grande numero de soldados francezes n'aquella região, vergastando-nos as faces e ferindo-nos no que temos de mais sagrado; — n'este momento faz-se necessaria a paz geral, é urgente reclamo do nosso patriotismo a completa união de todos os brasileiros, em torno do nosso sagrado pavilhão, o esquecimento de odios antigos ou recentes, o congraçamento geral, emfim.

Não é de crer que da camara dos deputados haja desertado o patriotismo, e que ella possa sacrificar aos interesses mesquinhos de uma politica sanguinaria os altos interesses do Brazil, que tem ou suppõe por uma ficção legitimada ter alli os seus representantes immediatos, a guarda avançada da soberania nacional.

Não! Por honra da camara dos deputados vamos jurar que o parecer impatriotico do Sr. Medeiros e Albuquerque não será approvado... O decoro dos senhores representantes da União, o caracter d'esses cavalheiros é garantia segura de que esse monstro não terá alli amparo, nem auxilio, nem um bafejo que lhe empreste vida.

NOTICIARIO

Veio da Europa o deputado por S. Paulo, Dr. Adolpho Gordo, que afinal de contas não veio mais...

— Mais, que? Mais gordo, está bem visto.

Telegramma de Roma para o *Jornal do Commercio*, de 15 do corrente, dá-nos a grata noticia de ter sido o general Mirri, commandante do 12º corpo, em Palermo, transferido para o commando do 6º em Bologna; indo o general Morra substituí-lo n'aquelle commando em Palermo.

Esta noticia diexou nos supinamente apalermados pelo gasto superfluo de palavras do

telegramma que bem poderia ser concebido assim:

« Roma, 14 Setembro.

« Mirri de Bologna Morra em Palermo. »

No fim dava certo.

Por um lamentavel equivoco, o distincto escriptor A. A. na sua *Palestra diaria do Paiz* apertou commovido a mão a Accacio Antunes, e fez a seguinte proposta:

— Toca estes ossos, confrade.

Só mesmo por equivoco o amavel Arthur Azevedo daria ao Sr. Accacio o inglorio e improductivo trabalho de procurar-lhe os ossos, para local-os, no meio d'aquelles diluvio colossal de banhas.

— « Toca essas gorduras » é que deve ser.

O distincto escriptor e habil poeta Alves de Faria, durante a semana passada publicou dous artigos em que não empregou o vocabulo anímico.

Ao que parece, está enferm., o nosso illustre e operoso collega.

Ou elle, ou o seu termo predilecto.

Na abundante e completa secção telegraphica do *Paiz* encontramos em despacho de Lima, a lista dos novos ministros do gabinete peruano, recentemente organizado: presidente do conselho Antonio Bentino, justiça Albaracin, fazenda Bressano, guerra e marinha Parra.

Vai dar uvas o Perú.

O eloquente senador Esteves Junior pretende pronunciar brevemente mais um discurso.

Os senadores collegas de S. Ex. já mandaram repregar os botões dos seus respectivos colletes e das suas calças respectivas.

Precavidos, os homens da rua do Areal.

Consta que a agencia Havas joga no cambio e que é baixista.

Damos este consta com todas as reservas do estylo.

Um trem de suburbios que ante-hontem partiu da Central ás 6,30 da tarde, não descarrollou nem sequer encontrou a nenhum outro trem da mesma Estrada de Ferro dos Choques Centraes do Brazil.

Por este auspicioso evento trata-se de organizar uma grande commissão popular, que levará a effeito uma brilhante manifestação de regosijo e congratulação até aos altos poderes constituídos.

Os directores da companhia de seguros *Educadora* offerecem aos seus amigos, freguezes e mutuarios, um excellente almoço e um magnifico baile: *pan y toros*, como la diz o outro, e em grego.

Duas cousas veio provar esta intelligente resolução da Companhia de Seguros *Educadora*: que suas senhorias não são seguros (vulgarmente—*cauilas*) e que suas senhorias são muito bem educados.

Nossos emhoras.

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, anno 20\$000 para a capital, 24\$000 para os Estados) passa sem novidade em sua importante saude.

Quando mal, nunca maleitas.

Os reporters.

ESCENA & MONTRY

BRAZÕES

Um formoso poeta, o B. Lopes, dos *Chromos*, da *D. Carmen*, e d'esses *Brazões*, que agora nos apparecem, elegantemente impressos na casa Leuzinger.

Original, singularissimo, B. Lopes é um poeta que constitue individualidade á parte do grupo brilhante dos nossos metrificadores, fazendo obra sua, absolutamente sua, pelo modo de dizer, pela fórma especial que imprime ao seu verso, pela graça de que o reveste e com que o enfeita.

Li algures que o B. Lopes, que celebra as bellezas e o *chic* das duquezas, das lours *misses*; que descreve os castellos magicos e os palacios illuminados de sua phantasia, que doira de primores a alta fidalguia das suas rimas brilhantes e irisadas, — que o B. Lopes é um empregado publico, um simples empregado publico, que quando escreve *alfombras* é unicamente por obdecer á pequena contingencia da rima, pois que havia pouco antes escripto a palavra *sombras*.

Nem melhor e mais involuntario elogio podia ser feito ao talentoso poeta, impecavel no metro e vivo e gracioso na rima, do que esse que veio envolvido n'uma denuncia descabida, talvez impertinente. E' exactamente n'esse advinhar intuitivo do B. Lopes, de cousas e de individualidades altamente fidalgas, que se pôde bem apreciar a força da sua imaginação feracissima, de sua alevantada *vis* auto-suggestiva.

Em todas essas paginas do seu livro aristocratico, fino, afidalgado, não se encontra uma, uma só trivialidade, um verso que se pareça com um verso dos outros poetas que em nossa lingua versejam; novo, na suprema e mais profunda expressão do vocabulo novo, o B. Lopes timbra em singularisar-se n'um requinte de elegancia que seduz, que embriaga, e que embala o leitor.

Não per emittir uma opinião, que por desautorizada era dispensavel, mais simplesmente por desobrigar-me de um compromisso anteriormente tomado, d'estas columnas venho saudar o poeta pelo apparecimento do seu livro, tão elegante quão accentuadamente fino e aristocratico.

E para terminar a transcripção de um soneto, não de proposital eleição, senão tomado do volume dos *Brazões*, ao acaso aberto:

DIVA

Vocifera a platéa, pintalgada
De aloiradas cabeças de cocottes
De papoula ao chapéo, e uma encarnada,
Rosa sagrando a espuma dos decotes.

Preparam-se as lunetas na cerrada
Linha anciosa e gentil dos camarotes,
Predominando a mancha delicada
Dos fidalgos bouquets de myosotis.

Chamam-te os partidarios irrequietos;
Pronunciam teu nome os indiscretos,
De alma suspensa e coração de rastro...

Pisas o palco; o publico endoudece,
Tonto, na luz, como se alli tivesse
O estilhaço flammivomo — de um astro!

E a Hora do chá, e Sangrina e Sua Alteza,
e todo o Varandim, e todo o livro!..

Um sincero e cordial *shake-hands* a B. Lopes. D.

A CIGARRA

Mais um numero, mais uma victoria: está regulando, da phrase do Ney.

Na primeira pagina o Rochinha da *Noticia* carrega ao collo a sua bebê, que vai engordando a olhos vistos, graças ao espirito *yankee* do seu papai, um furão de marca maior — ou menor, se o quizerem — cuja tenacidade, coragem e talento conseguiram fazer da *Noticia* um jornal necessario e imprescindivel, já agora.

Bella pagina, a *Sangrina*, illustração de Julião Machado ao soneto de B. Lopes. O dito Julião tem graça ás carradas na historia de um raptó, referida pela propria criada e testemunha *Maria Jure*; e não menos chiste encontra-se no salão cômico do Belmiro.

O *miollo* é de Olavo Bilac, o grande chronista — e tanto basta para deixar-nos a pão e agua quanto a qualificativos lisongeiros.

Está regulando, não ha duvida.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

LÉO A TONY

Viste telegrammas Hyppolito general se pára Rio Grande União?

TONY A LÉO

Vi. E pensei passar telegramma dizendo: pára Hyppolito!

LÉO A TONY

Nunca, pedaço d'asno! Se para dizes, se para entende!

TONY A LÉO

Pois é isso, asno inteiro: é bom separar. Elle fica com Castilhos, nós ficamos...

LÉO A TONY

Com quem?

TONY A LÉO

Com Barbosa Lima, mais divertido; Glycerio, mais engraçado; Esteves, mais eloquente...

LÉO A TONY

Basta! Tu vendido jacobinos!

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

Angelo, Spirita!

Recebemos uma communicação importantissima do Grupo Spirita Particular S. Matheus Propheta de Deus, (parece verso, mas não é) impressa em papel meio-pergaminho, encerrada em um grande envelope e endereçada ao nosso amigo e director do *D. Quixote*, Angelo Agostini; que a estas horas, se o paquete *Chili* não errou o caminho, deve ter deixado Dakar e achar-se proximo de Lisboa.

Aberto o envelope e lido o papel, vimos, com menós surpresa do que desvanecimento, que a illustre directoria do Grupo Spirita Parti-

cular S. Matheus Propheta de Deus, e que funciona á rua Presidente Barroso, tivera a gentilissima idéa de conceder ao nosso Angelo o gracioso titulo de SOCIO HONORARIO.

E porque? Acaso, porque o Angelo em nosso ultimo numero, e antes de partir, n'um artigo humoristico amarrou o positivismo ao spiritismo e zurziu-os á vontade e mais aos seus concomittantes Torterolis?

Não senhor. A razão da graça especial com que foi distinguido o nosso companheiro, vem exarada no proprio titulo impresso, que diz assim:

« Apreço-me (está no original) em communicar-vos este grande acontecimento que é d'aquelles que tem o valor de uma nova epocha marcada pela vossa inscripção no nosso centro, porque o vosso nome como adepto da grande lei que regula todo orbe teremos como toda evolução do infinito, como teria para nós uma verdadeira epopeia, pela clareza e autoridade do vosso espirito altamente preparado na sabia lei do universo. »

Isto não resta duvida, está um tanto obscuro, traçado em linguagem profundamente nephelibatica; mas o que se deixa perceber de todo aquelle palavriado é que o Angelo é adepto da grande lei (?) Que regula o orbe — e d'isso andou fazendo um tal mysterio que até chega a melindrar-nos.

Spirita honorario o Angelo!

Emfim, e uma vez decidida a coisa pelo Grupo S. Matheus, resolvemos fazer participação immediata ao companheiro ausente, transmittindo-lhe o seguinte telegramma:

« Angelo Agostini, spirita honorario,

« Em viagem.

« Sabes? Estão redimidos

« Todos os peccados teus;

« Abre bem esses ouvidos:.

« E's socio de S. Matheus,

« O tal propheta de Deus.

« Parabens! Mil parabens!

« Assim quizeste—assim o tens!

Ao Grupo Particular da rua Presidente Barroso, enviamos muito saudar.

GYP.

LEMBRETE

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de junho, e mais áquelles cuja assignatura termina no fim do corrente mez, lembramos que, caso queiram reformal-as, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste importante semanario.

CAVACO DA ADMINISTRAÇÃO.

CARTAS LITTERARIAS

ADOLPHO CAMINHA

O auctor do livro que temos á vista foi um d'estes obreiros que lentamente, ignoradamente se preparam para uma ruidosa apresentação na arena das lettras. Quando elle surgio com o seu romance naturalista intitulado — A



Tem-nos fornecido alguns deliciosos canards, bem acondicionados em bolhas de sabão. É brinquedo inocente, um passatempo divertido. Desde que as bolas arrembentam Zé Porco exclama sentimentalmente: — Ora bolas, Mme. Havas! se não lhe custa, pode ir às faras!



A conspiração dos magnatas da companhia do Jardim Botânico contra as vestidas arvores do Cosme Velho. Vinham recitando tumultuamente: "Era alta noite, e ao descanbar da lua..."



.... Quando descambou contra elles a população Cosmevelhense, e foi-os fugir electricamente. O bond electrico tem disto: se não pode matar o transeunte arranca a vida às indefesas arvores! Desta vez a conspiração parece que não estava bem ensaiada.... como as outras.

Normalista—todas as vistas voltaram-se attentas para o novo combatente que se mostrava aparelhado para a lucta tendo feito no segredo do seu gabinete o tirocinio das armas e o seu livro, recebido com francos louvores da critica, desde logo marcou-lhe nas nossas lettras um lugar distincto.

Agora surge um novo livro de Adolpho Caminha e as opiniões manifestadas nas *Cartas Litterarias*, a orientação do escriptor, a sua maneira de observar e sentir revelam o mesmo espirito analytico e impressionista que haviamos notado nas paginas repassadas de verdade da *Normalista*.

Os capitulos — Novos e Velhos, — Emilio Zola, — A Forma, — Em Defesa Propria, são bellissimos estudos onde predominam a verdade de observação e a justeza de conceitos. O estudo critico sobre Fialho de Almeida é um verdadeiro e justo preito a um escriptor que merece pelo seu incontestável talento ser mais lido e apreciado entre nós. Em summa: pondo de parte algumas apreciações exageradas sobre auctores nacionaes, que provam que Adolpho Caminha ainda não estudou completamente o nosso meio litterario, e por isso desconhece alguns escriptores de merito, ao passo que exalta outros que não merecem tanto, o livro é excellente e nos deixou a melhor impressão.

Esses pequenos senões de observação que apontamos não são defeitos do escriptor ou do observador, mas um resultado da sua convivencia em um meio que não resume (como pretende) todas as aptidões litterarias e artisticas do paiz e fóra do qual ha talentos propossalmente envoltos no véo do silencio, arma favorita dos que temem a concorrência.

Emfim, complimentamos a Adolpho Caminhos pelo bom livro com que brindou as nossas lettras.

L. N.

RABISCOS

Tendo começado por uma serie de boatos falsos, por um falso boato terminou a semana passada.

Coherente, lá isso foi ella — e no que nada se parece com o general Glycerio, que vai saudar o presidente no Itamaraty por motivo da pacificação e logo depois anda a mecher os pausinhos no Congresso, para o fim de obstar a passagem da amnistia, consequencia immediata d'aquella.

Os boatos da semana afinal serviram para alguma cousa: para evidenciarem, pelo menos, o alto gráo de estima em que é tido o Sr. Prudente de Moraes, a quem uma brilhante ovação, ainda mais brilhante pela espontaneidade com que surgiu, recebeu-o em seu regresso da Ilha Grande.

Diziam o diabo com botas, os taes boatos!

D. Bernarda tomára um dos seus mais bellos vestidos, puzera as suas joias mais ricas e já estava prompta para sahir á rua e provocar escandalos, como é de seu costume e temperamento...

Ia ser tudo arrazado — a começar pelo Sr. Prudente de Moraes, o eleito do grande Partido

Republicano Federal do Sr. Glycerio, a quem a supracitada D. Bernarda convidaria muito delicadamente a deixar o Itamaraty e ir até Piracicaba, verificar se os seus cafezaes estão convenientemente florescidos.

Emfim, uma penca de boatos, cada qual mais formidoloso, e que afinal de contas só tiveram um resultado pratico... para os baixistas do cambio.

O boato com que terminou a semana viveu, como a tal de Malherbe, o espaço de uma manhã: mas ainda assim, na sua miseranda qualidade de boatinho, e durante sua passageira existencia, sempre deu tempo aos mesmos baixistas de realizarem operações de ligeireza.

Porque a verdade é que só esses vivorios podiam prestar credito ao *canaril* telegraphico dando o general Hyppolito como separador do Rio Grande — peta muito sem graça, mas em compensação muito mal arranjada.

Que querem? O cambio não é como a filha do Conde de S. Thiago — que não desce nunca!

Ao contrario: parece que nada lhe é mais agradável do que esta gangorra permanente em que vive escarranchado!

Agora, com a questão da amnistia, Mister Cambio tem ensejo e oportunidade de exercitar-se nos seus prodigios de acrobacia descendo e subindo á vontade, conforme o parecer do Sr. Medeiros e Albuquerque tenha impugnadores ou recolha discursos congratulatorios e approbativos.

Segundo esse parecer, a amnistia não póde, não deve ser ampla! A hermeneutica do Sr. Albuquerque estabelece uma differenciação completa entre o revoltoso politico militar e o revoltoso politico civil, de modo que a gente chega a concluir... que não ha nada como tudo mais são historias.

E historias para rir, porque é licito suppor que os bons desejos do mesmo Sr. Albuquerque não serão suffragados pelos seus collegas; e historias para rir, porque são muito diversas das historias da prefeitura, com as quaes os respectivos empregados têm razões sufficientes para viverem immersos em copioso pranto, — pranto tão copioso que faz lembrar o d'aquella da operetta, que dizia:

Eu tenho chorado tanto...

Pudéra! Tres mezes decorridos e o quarto a escoar-se, sem que elles vejam a cor dos seus ordenados, não é marimba que preto toca, nem é caso para gracejos.

A *Cidade do Rio*, que dispõe de uma reportagem ultra, já publicou um decreto do Sr. prefeito, segundo o qual S. Ex., permite aos seus empregados *morderem* na rua do Ouvidor os amigos e conhecidos, até que possam receber alguma cousa por conta dos ordenados atrasados.

A medida não é má como recurso, financeiro: mas porque não começar por casa a boa justiça? Sim, porque não *morderem* os empregados, antes de tudo — ao Sr. prefeito, cujo

subsídio não é máo, e aos senhores intendentes, que também não ganham pouco?

A idéa não é para desprezar; e eu, generoso como sou, dou-a de graça aos interessados.

E olhem que já lhes dou alguma cousa — no que até certo ponto já me vantagemo ao Sr. Dr. Werneck, que nada lhes dá.

E como a ultima noticia, e esta de sensação, refere-se á nova invasão franceza no territorio do Amapá, aqui deito ponto final n'estes *Rabiscos*, mesmo porque não me agradam estas complicações internacionaes.

Ah! os senhores francezes entenderam de colonisar á força o nosso Brasil, e andam plantando soldados na fronteira a ver se pegam de galho?

Ora esperem ali um pouco, que lá lhes mandamos o general Glycerio, que é feroz em seus *ullimatuns* e não lhes dará amnistia — nem que lh'a pegam de joelhos...

Olha, francez: você não conhece o general Glycerio!

LEO.

UM BOUQUET

Vem tarde — mas antes tarde do que nunca — o agradecimento que devemos ao ao digno director do collegio Abilio, pelo delicado *bouquet* com que nos mimoseou, no dia em que os alumnos do seu estabelecimento, em bem organizado prestito, foram saudar o Sr. presidente da Republica pelo motivo da pacificação do Sul.

O *bouquet* com que foi distinguida a redacção do *D. Quixote*, mimo de arte fina e esquisita, é guardado com especial cuidado, a relembrar-nos sempre a gratidão pela gentileza da offerta.

THEATROS

Assim como assim, *on revient toujours...* ao Eden Lavadio.

E' para este theatro que volverá em breve a actriz dos 18 papeis, Sra. Pepa Ruiz, com uma companhia de estrondo, dizem os periodicos bem informados — e os ha, n'esta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião.

Ao que parece, refeitas as finanças e recomposta a *troupe*, a dama dos dezoito conta empolgar de novo as boas graças do publico e chamar ao bom caminho o dispersivo exercito dos seus mil e oitocentos adoradores.

Que seja muito feliz, por muitos annos, e eu que o veja — são os meus sinceros votos.

Que não lhe vá succeder o que á *troupe* Modena aconteceu no Theatro Lyrico, que nem mesmo com o condimento da *dansa serpentina* da Sra. Fuller n. 2, conseguiu ver concorridos os seus espectaculos.

Aliás, não era de esperar esse retrahimento da parte do nosso publico, a quem agrada sobremaneira toda a especie de *frégolidades* que por aqui apparecem, pomposamente annunciadas, trazendo por batedores uns *réclames* de palmo e meio.

Demais, acerca da identidade da Sra. Fuller levantára-se, e muito habilmente, uma questão importante, que mais deveria aguçar a curiosidade do publico, ancioso e afflicto por saber se a Sra. Fuller era a propria Fuller, ou se era simplesmente a irmã da Sra. Fuller.

Pois nem assim!

A deserção continuou e a Companhia Mo-

dena lá vai em busca de outros ares e de melhores povos, depois de nos haver proporcionado excellentes espectáculos, a que assistiram impavidas, serenas e desoladas... as cadeiras do theatro da Guarda Velha.

E' pena. O trabalho da Sra. Tiozzo, uma actriz de nervo, secundada pelos Srs. Cuneo, Lotti, Serafini e outros, bem merecia occupar a attenção do publico fluminense...

... se o publico fluminense não preferisse ouvir o Frégoli cantar de falsete, com umas cabelleiras que não ajustam bem, e exhibindo uns bonecos espetados em cabos de vas-soura.

Vão ao Apollo e verão que enchente, sempre que o felicissimo Frégoli faz o duetto impossivel... Ou não vão, porque arriscam-se a ficarem esmagados, pela concurrencia enorme de ingenuos que se deliciam em ver o Sr. Frégoli fazer nos bastidores o que a Sra. Pepa faz em scena: — mudar de roupas para fingir que muda de papeis.

Do Lucinda ainda temos noticias. E frescas são ellas.

Depois do Naufragio da Fragata de Val-Flór e da Morgadinha Medusa, a companhia Dias Braga, a que alliou-se a provecta actriz Ismenia, resolveu deixar aquelle theatro e seguir para S. Paulo, onde exhibirá todo o seu repertorio dramatico, pantafaúdo e estupefaciente.

Se é exacto que *l'union fait la force*, não ha senão a predizer bem d'esta *tournee*, em que se encontram bons elementos colligados.

O Sant'Anna, offerecendo aos seus habitués as ultimas representações da *Princesa Colombina*, prepara com todo esplendor a magica de Eduardo Garrido O Gato Preto.

Não é positivamente uma novidade. Entretanto, dizem que esse gato é uma verdadeira mascotte, e tanto que enriqueceu a mais de um empresario; d'ahi, suporem alguns augures cathedraticos em materia theatral, que a companhia do Sant'Anna está em vias de enriquecer — embora não haja alli nenhum Henrique.

D'este pessimo e archi-vetusto trocadilho passo-me muito esgueiradamente para o S. Pedro, que depois de andar por debaixo d'agua e por cima de todas as outras empresas theatraes, annuncia a *Cendrillon*, pantomima já conhecida e que o desopilante Frank Brown sabe pôr em scena com todos os deslumbra-mentos do estylo.

Alli, n'aquella casa de espectáculos, é que nunca falta o publico; — e o que prova é que as pilherias dos Franks, ainda que repetidas, e todos os prodigios de acrobacia, embora muito vistos, valem mais, muito mais, do que os ale-vantados esforços dos cultores da arte de João Caetano — do defunto João, como dizia e com entono e defunto Galvão.

Edizer que o facto se evidencia exacta-mente n'aquelle theatro, palco das glorias do nosso primeiro artista... Os theatros! como os homens, *habent sua fata*!

Eis ahi uma ideia, a offerecer á actriz Emilia Adelaide, que anda a acenar ao publico arredio, com as *Mulheres fortes*, e outros dramas de valor: porque não mette em scena uma *Cendrillon* ou não inunda o Variedades com uns 80,000, ou mesmo uns 40,000 litros de agua?

Em verdade, a eximia actriz que conserva o respeito á arte com a mesma pureza e dedi-cação com que as Vestaes guardavam o sagrado fogo, não tem uma companhia regularmente organizada, nem poud conseguir até agora elementos que a tornassem harmonica e homo-genea. Isso resalta mesmo da exhibição das *Mulheres fortes*, onde a Sra. Emilia Adelaide joga scenas com uns sujeitos e umas damas que nem em um theatrinho particular seriam supportados.

Mas, condemnar por completo uma tenta-tiva razoavel, e negar auxilio a um grupo que incontestavelmente o merece, é dar prova de desamor á arte, e como lá dizem, até dá indícios de mau character.

Que diabo! Vão ao Variedades; vão e não perderão seu tempo, e terão ensejo de applau-dir uma artista de raça como é a Sr. Emilia Adelaide — que foi rainha e ainda tem mages-tade.

Ide, e vereis se minto.

Ah! Esquecia-me dizer que a companhia Souza Bastos ainda representa o *Sal e Pimenta*, revista que effectivamente deve ter muito sal para ser assim a occupante exclusiva dos an-nuncios d'essa companhia.

E tambem ia cahindo no olvido o regresso da companhia Taveira á patria portugueza, e com ella — ella, companhia — o correcto actor J. Ricardo, que não quiz partir sem deixar-nos uma carta de despedida, tão amavel quanto modesta e delicada.

E para pôr termo a esta resenha, um an-nuncio e gratis:

O jovem actor Silva Pereira resolveu-se a fazer beneficio, e no Theatro Lyrico, cujo am-plo bojo, sómente esse, poderia abrigar a grande massa de admiradores e amigos que conta entre nós.

(Entre nós é um modo de dizer).

A respeito de Silva Pereira — o beneficio é a 27 do corrente — andam por ali em um ver-dadeiro teiró de intriga, varios jornalistas gra-ciosos, inquirindo da sua idade e a respeito emitindo opiniões que parecem ter sido sacca-das não se sabe d'onde, mas que se sabe serem saccadas com dous palitos.

Dizem uns que o Silva Pereira é o Mathu-salem da arte dramatica portugueza; outros que elle esteve na arca de Noé, não sendo o caso referido na historia do Antigo Testa-mento porque o mesmo Noé occultou-o, desde que transgredira a ordem n'esse particular — pois não havia casal de Silvas Pereiras, o qual, é bem sabido, tem especial horror a esse ne-gocio de casal.

Ora a verdade é esta, e unica: Silva Pe-reira é tão joven, tão novo, que só não fórma com a petizada da *Cendrillon*, fazendo a pro-tagonista — porque tem de realizar beneficio a 27 do corrente no Theatro Lyrico.

Muitas venturas ao beneficiado — a esse joven artista aurorial, como diria um nephe-libata convencido.

TONY.

CHINÔISERTES

TRES POR DIA?!!

E' demais! Chegam ao cumulo os desastres na Central! Um wagon nos lembra um tumulo; um comboio — um funeral.

Não ha mais prompto suicidio que uma viagem de trem! Desse terrivel excidio já não escapa ninguém.

Só na quarta-feira deram-se tres desastres! Vejam: tres!? Machinas, carros perderam-se! Vae-se tudo de uma vez!

Ante o quadro horrivel, tetrico, confesso-lhes que tremi, aparte algum bond electrico, cousa peor nunca vi.

Vejo que andei com criterio quando os suburbios deixei, mas, ante caso tão serio, a vida já segurei.

E proponho, em consciencia, a alguém que o queira, fundar companhia, p'ra a existencia ao viajor segurar.

Melhorar em vão pratende-se a desgraçada Central! Só vejo um recurso — arrende-se, talvez melhore, afinal!

Lu-No.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido e agradecemos:

D Pedro I e a Independencia, trabalho in-teressante do Sr. André Werneck, escripto a proposito da demolição da estatua da Praça Tiradentes, e pela verdade historica. O operoso escriptor, em rapido estudo, ampa-rado de documentos historicos, deixa patente a injustiça flagrante que se commetteria se acaso fosse a effeito a idéa demolidora de um grupo hysterico, felizmente sem influencia actualmente na direcção dos publicos negocios.

Revista Pharmaceutica, anno 1º, n. 15 cor-respondente a 5 do corrente mez. E' orgão da sociedade pharmaceutica paulista e tem por seus redactores os Srs. Ignacio Puiaggiori e Frederico de Borba.

A esta publicação pode-se sem receio emprestar o qualificativo de *importante*: provam-n'o os excellentes arti-gos, *Analyses da urina*, de C. B. de Hollanda, *O estado de pharmacia entre nós*, editorial etc.

Revista de Homeopathia, n. 1, anno 2º, de que é fundador e redactor o Sr. Dr. Magalhães Castro. Tambem nos vem de S. Paulo esta publicação.

Arcadia, fasciculo 1º, volume 1º, e tudo o mais primeiro pondo em linha de conta o exercito de collabo-radores desta brilhante revista de arte. Na primeira pagina encontra-se o retrato de Olavo Bilac, o primoroso poeta e phantasia sem igual nas chronicas em prosa. Os direc-tores Brito Mendes e Felix de Mello fizeram eleição justa e criteriosa do corpo de collaboradores: o supralite Bilac, Virgilio Varzea, Alves Faria, Felix Bocayuva, Fi-gueredo Pimentel, Azevedo Cruz, Claudio de Souza, e outros — e o que prova que n'esta eleição não entrou o triangulo. Não está viciada.

Serviço exterior, da repartição geral dos tele-graphos, ou em vernaculo: Taxa por palavra telegraphica a partir de qualquer estação para as republicas sul-ame-ricanas e mais para a Europa, Ilhas, America Central e do Norte, Africa, Asia, Australia, Olivaes e Santarém e Mais Além.

Por esse folheto ficámos sabendo que pagaremos por uma palavra dirigida para Capiapó a quantia de 18560 — quando nos dermos ao luxo de possuir um correspondente n'aquella povoação do Chile.

Jornal Illustrado, n. 9, do primeiro anno. Traz em sua primeira pagina os retratos de Q. Bocayuva e de J. do Patrocínio... dous que não se *hurlent de se trouver ensemble* — na primeira pagina de um jornal illustrado, e com os periodos encomiasticos e elogiosos equitativamen-te distribuidos por ambos pela respectiva redacção. Traz um bom artigo de Alves de Faria sobre a Amnistia, e é um numero muito para ser lido.

Revista Illustrada, n. 625, 20º anno de exis-tencia. Traz em sua primeira pagina os retratos dos se-nadores fallecidos Silva Canedo, de Goyaz, e Cunha Ju-nior, do Maranhão.

Questões de arte, de Carlo Parlagreco, o illus-trado professor da Escola Nacional de Bellas Artes. N'este volume, de 150 paginas, o distincto professor archiou algumas das importantes conferencias por elle realizadas na nossa Escola de Bellas Artes, e conferencias em que sobressahem as idéas predominantes e os principios scien-tíficos com que tem estudado e desenvolvido os problemas complexos da arte e da critica contemporanea. Reconheci-da a elevada competencia de Parlagreco, bem se percebe a importancia do seu volume, ora publicado.

Le Petit Echo de la Mode, ns. 34 e 35, pu-blicação de A. Reynaud.

A Estação, interessante jornal de modas, publi-cado pela casa Lombaerts. E' o numero correspondente a 15 do corrente mez.

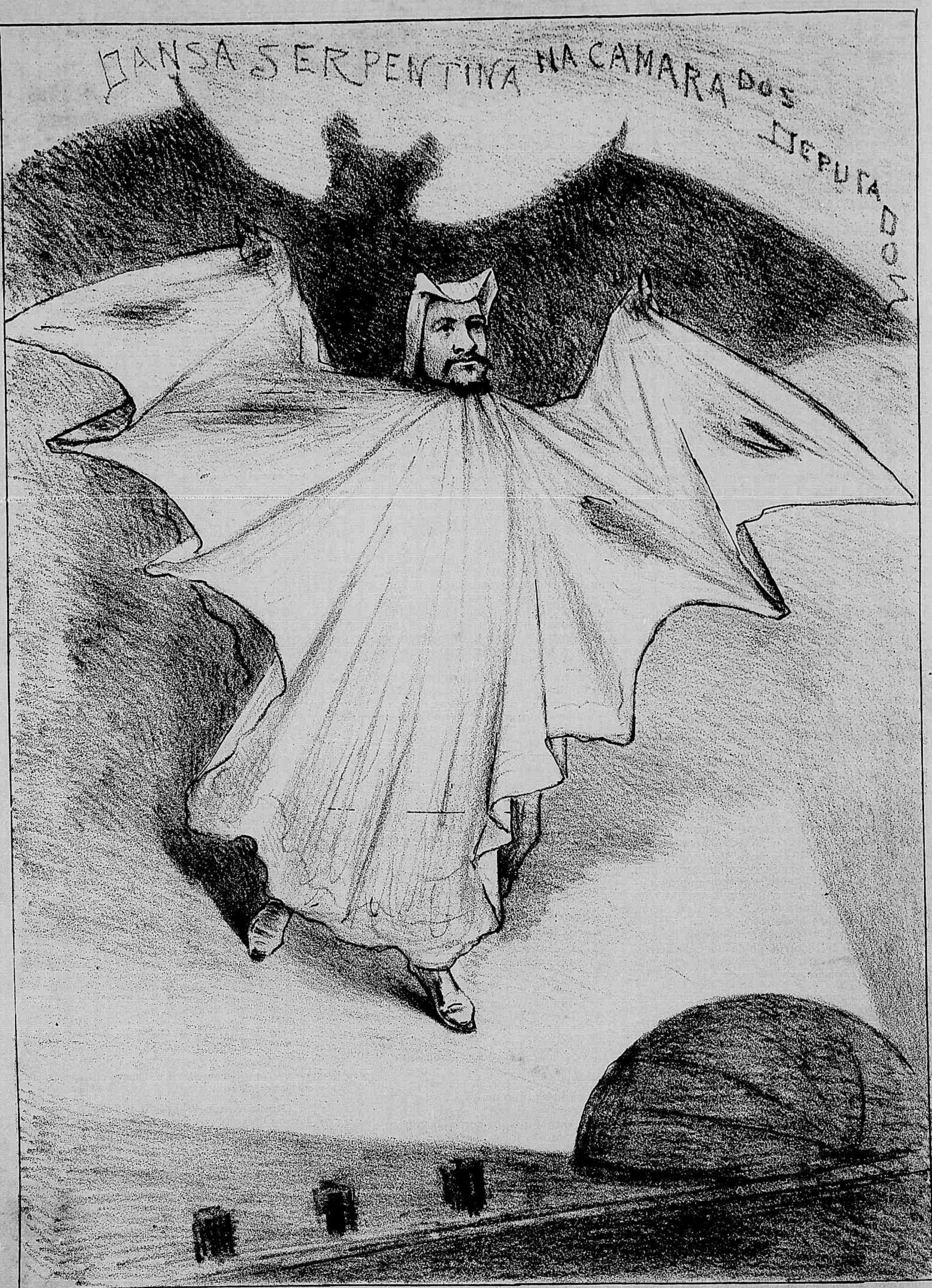
Roma-Amor, bella poesia de Luigi Bellezza, im-prensa a duas côres, e commemorativa de 20 de Setembro.

Brazil Militar, n. 1 do 1º anno, trazendo o re-trato do grande patriota marechal Deodoro Fonseca.

Recebemos ainda, e agradecemos igualmente:

Convide para o almoço e a *soirée* com que a directo-ria da Educadora festeja o 5º anniversario da sua funda-ção; para as festas artisticas do Silva Pereira, das actri-zes Estephania e Claudia; para a grande recita de gala, no Lyrico, commemorativa do dia 20 de Setembro, festejado pela colonia italiana; para a *soirée* do Club de S. Chris-tovão.

DANÇA SERPENTINA NA CAMARA DOS DEPUTADOS



Diz o Dr. Lauro Muller
Que esta é que é a verdadeira
Serpentina feiticeira.
—A celebre Glicy Fuller

As outras, no seu emprego,
Transformam-se em borboletas....
Miss. Glicy, com suas bréias
Volve-se em triste morcego!